Vínculos fraternos e formação da identidade - seu enquadramento na terapia grupanalítica

Francisco Salgado

Resumo

O autor parte do princípio de que um processo grupanalítico ou de psicoterapia analítica de grupo se desenrola com base em dois subsistemas: um ligado à relação pais/filhos (Complexo de Édipo), o outro ligado às relações fraternas (Complexo Fraterno); um promove a identificação às figuras parentais, o outro uma comunhão identitária e uma identificação por similaridade ao irmão.

Considera o complexo fraterno uma estrutura intrapsíquica que se manifesta mesmo nos filhos únicos, à semelhança do complexo de Édipo, cuja manifestação surge, quer o indivíduo cresça na presença ou ausência de pais.

No complexo fraterno e de acordo com Kaës (2011) diferencia-se a estrutura intrapsíquica dos vínculos/relações fraternas. Estes são organizações intersubjetivas e, como tal, objeto privilegiado de intervenção psicoterapêutica.

Tendo como referência este enquadramento, o presente artigo centra-se na importância dos vínculos fraternos para a compreensão e transformação da identidade do indivíduo como um todo.

Palavras-chave: Vínculos Fraternos, Identidade, Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo

Abstract

As a starting point, the author assumes that a group analytical process, or a group analytical psychotherapy process, develops upon the support of two subsystems: one is connected to the relation parents/children (Oedipus Complex); the other one is connected to brotherly (or sibling) relations (Sibling Complex); the former promotes one's identification with the parental characters, the latter promotes an identity communion and an identification as similarity with one's sibling.

[1] Psicólogo Clínico, Psicoterapeuta, Grupanalista, Membro Titular Didacta da Sociedade Portuguesa de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo. franciscosalgado@sapo.pt
Artigo adaptado a partir da sua comunicação oral apresentada no XXIV Congresso Nacional da Sociedade Portuguesa de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo, Lisboa 7-8 novembro 2025.

The Sibling Complex considers an intrapsychic structure, which is shown even in only children, similar to the Oedipus Complex; its expression occurs whether the person's growth takes place with or without parents.

In the Sibling Complex, according to Kaës, the intrapsychic structure is different from siblings' bonds/relations. These ones are intersubjective organizations and, as such, a privileged object of psychotherapeutical intervention.

Supported by this framework, the present paper focuses upon the importance of the sibling bonds towards the understanding and transformation of an individual's identity as a whole.

Keywords: Sibling Bonds, Identity, Group Analysis, and Analytical Group Psychotherapy

I – Nota Introdutória

Inicio este artigo com um breve texto à memória do meu irmão Fernando, falecido este ano:

"Fernando tu és o exemplo claro e lúcido de como é importante e bom ter irmãos.

Contigo aprendi e vivi muita coisa. Aprendi a gostar e a respeitar a música de intervenção: foste tu que trouxeste os primeiros álbuns do José Mário Branco e do Sérgio Godinho, semiclandestinos, ainda antes do 25 de abril, ouvidos em casa dos nossos pais num ato religioso e conspirador; foi contigo que aprendi a gostar da música brasileira (Maria Bethânia, Chico Buarque de Hollanda, Vinícius e muitos outros) e também a música popular anglo-saxónica que dava na rádio em dois programas fundamentais: o "Em Órbita" e o "Pêndulo" que eu, tu e o nosso irmão Manel ouvíamos em marcha lenta, silenciosa e meditativa, cada um entregue a si próprio, num verdadeiro ritual de adoração à música, num círculo pedonal que ficou marcado para sempre na alcatifa da nossa salinha.

No bairro onde vivíamos, o futebol era rei e eu era um guarda-redes elogiado pelos teus amigos, elogios que tu fazias questão em me transmitir; não imaginas Fernando, o orgulho que isso me dava.

Foi contigo que iniciei as lides desportivas, no CDUL onde fizemos atletismo e depois ténis, paixão que ficou para sempre.

Contigo e com a morte do nosso irmão João revoltei-me contra a guerra colonial, amei a liberdade que o 25 de abril trouxe e fomos de uma esquerda moderada; não me esqueço do 1º de maio após o 25 de abril, que eu, tu e o Manel vivemos com tanta alegria nas ruas de Lisboa.

Houve sempre em ti preocupações sociais, humanas que foram um grande estímulo para mim; as leituras que fazias e que relatavas, algumas delas nas áreas que vieram a ser as da minha profissão; o interesse recente pelos livros do João Carlos de Melo, temas sobre os quais falávamos nos intervalos do ténis.

Também nesses intervalos falávamos da família (lembras-te das reuniões gerais de irmãos, no quarto da nossa irmã mais velha, as célebres RGIs, em que conspirávamos contra o nosso pai?) eu era muito crítico, "desbocado" e por vezes agressivo, mas senti sempre que me ouvias com atenção e até, diria eu, com alguma tolerância. Eram sessões catárticas fantásticas. Dava-nos imenso gozo.

Também nunca me esqueci como cuidaste do nosso pai nos seus últimos dias de vida, ultrapassando de forma exemplar os conflitos que tinhas tido com ele.

Sempre foste um grande sedutor; com a Maria do Carmo (a nossa cozinheira) conseguias, com o consentimento dela, tirar as batatas fritas acabadinhas de fazer, missão que era impossível para mim e, com as minhas colegas do ISPA, tinhas um sucesso que me irritava.

Tivemos férias em conjunto e sabes bem como os meus filhos gostavam de ti. O ténis, a piscina e os jantares são memórias que ficarão para sempre.

Quanto ao ténis, a conta que temos em conjunto no Jamor ficará sempre com o teu nome e quero que saibas que quando jogo tu estás sempre comigo.

Obrigado, Fernando"

Trata-se de um testemunho pessoal, demonstrativo da importância dos vínculos fraternos na minha formação identitária.

II – Conceito de vinculação

De acordo com Ainsworth, (1979) e Bowbly, (1980) a vinculação é uma relação emocional profunda e duradoura que liga uma pessoa à outra no tempo e no espaço. Bowlby defende que os seres humanos nascem com um sistema psicobiológico (sistema comportamental de vinculação) que os motiva a procurar proximidade com outros (figuras de vinculação). Encara a vinculação como uma ligação afetiva íntima e próxima, de dependência mútua, que se prolonga no tempo, isto é, com impacto nas relações futuras.

W. Fernandes (2003, p. 29) define vínculo como "…uma estrutura relacional em que ocorre experiência emocional entre duas ou mais pessoas ou partes da mesma pessoa. Tem espaço ou dimensão intra-subjetiva, intersubjetiva e trans-subjetiva."

Mas, como afirma W. Fernandes, é no espaço interpessoal ou intersubjetivo que ocorre o relacionamento do sujeito com os outros. Nesse espaço, experimenta o amor, o ódio e o conhecimento. É também neste espaço intersubjetivo que se desenvolve o sentimento de pertença, experiência emocional que se desenrola na consequência de um duplo movimento: o de nós para os outros e o dos outros para nós. Estes processos de relação interpessoal tendem a padronizar-se e a reproduzir-se como padrões habituais de comportamento noutros contextos relacionais.

A psicanálise tradicional dá enfase a dois vínculos: o vínculo do amor e o vínculo do ódio, diretamente relacionados com as pulsões de vida e de morte; o enfoque do trabalho analítico desenvolve-se assim com base no conflito entre estas duas pulsões e suas respetivas emoções.

Como sabemos, Bion (cit. in: Zimerman, 2000) introduziu um terceiro vínculo a que chamou vínculo K – Vínculo do conhecimento.

Para este autor, este vínculo dá sentido e significado às experiências emocionais. O eixo do conflito psíquico sofre uma mudança, sendo enfatizada a relação do indivíduo com a verdade, contida nas relações amorosas e agressivas.

Assim, com Bion, temos três tipos de vínculos: o do amor (vínculo L) o do ódio (vínculo H) e o do conhecimento (vínculo K). A esta estrutura Zimerman (2000;2010) acrescentou um quarto vínculo: o vínculo do reconhecimento que compreende:

1 – Reconhecimento de si próprio, isto é, o reconhecimento dos vínculos intra-subjetivos, que se traduzem numa maior consciência de si;

2 – Reconhecimento do outro, ou seja, o reconhecimento dos vínculos intersubjetivos, com consciência de que o outro é um ser autónomo, diferente de si;

3 – Ser reconhecido aos outros, ou a capacidade de expressar consideração e gratidão pelo outro;

4 – Ser reconhecido pelos outros, aceitando elogios e atribuições de valor, num registo de promoção da sua autoestima.

III – Vínculos fraternos no contexto grupanalítico.

Parte-se do princípio de que um processo grupanalítico ou de psicoterapia analítica de grupo se desenrola com base em dois subsistemas: um ligado à relação pais/filhos (Complexo de Édipo) o outro, ligado às relações fraternas (Complexo Fraterno); um promove a identificação às figuras parentais, o outro uma comunhão identitária e uma identificação por similaridade ao irmão.

À semelhança do complexo de Édipo, considera-se o complexo fraterno como uma estrutura intrapsíquica que se manifesta mesmo nos filhos únicos, quer o indivíduo cresça na presença ou ausência de pais.

No complexo fraterno e de acordo com Kaës (2011) a estrutura intrapsíquica diferencia-se dos vínculos ou relações fraternas. Estes são organizações intersubjetivas, e como tal, objeto privilegiado de intervenção psicoterapêutica.

Desde logo interessa destacar o “Complexo fraterno” como um conceito, cuja estrutura e função, segundo Kaës, são formuladas no espaço psíquico inconsciente. Este inclui em si, o complexo do intruso proposto por Lacan e todas as dimensões ligadas ao amor, ao ódio e à inveja, à ambivalência e às identificações com o semelhante a si.

A especificidade do complexo fraterno está assim na sua organização e na sua função.

Zimerman (2000) a este propósito destaca a influência recíproca entre irmãos num duplo investimento: o primeiro, associado às reações ambivalentes de amor e amizade com as de inveja, ciúme e rivalidade; o segundo, associado ao deslocamento defensivo para os irmãos, de pulsões libidinais e agressivas, que tinham como alvo, as figuras parentais.

Neste contexto, Zimerman dá exemplos de funções que os irmãos podem desempenhar entre si: a função de guardião dos amores da irmã mais velha, a função maternal desta em relação aos mais novos; a "substituição" de um irmão falecido procurando satisfazer as expetativas dos pais.

Efetivamente no quadro familiar, os filhos assumem diferentes papeis, alguns deles bem identificados, como é o caso do "bode expiatório", do "filho-orgulho", correspondente às expetativas idealizadas dos pais, do "filho-solidão" que assegura o futuro incerto dos pais, permanecendo com eles; e ainda do "paciente identificado" portador dos aspetos doentios de cada um dos membros da família.

Coimbra de Matos (2008) fala-nos do Amor fraterno ou amizade, como uma relação simétrica, horizontal, interdependente e biunívoca. Predomina a comunhão identitária e a identificação por similaridade. É uma relação de filia, não de erotismo.

Benghozi e Féres-Carneiro (2001) consideram a fratria uma entidade sincrónica, com um aparelho psíquico específico, diferente da soma dos psiquismos individuais dos irmãos, e que se constitui como continente grupal.

O vínculo fraterno é considerado uma construção psíquica comum aos membros de uma fratria, que lhes permite distinguir-se, como subgrupo dentro do grupo familiar.

O vínculo fraterno, por pertencer à mesma geração, é próximo, igual e simétrico.

Esta simetria, já anteriormente referida por Coimbra de Matos, permite uma maior liberdade dos seus membros, facilitando assim o seu relacionamento.

De acordo com o Goldsmid e Féres -Carneiro (2007) e em sintonia com o nosso testemunho, os irmãos aprendem entre si coisas da vida e do mundo, adquirem novos referenciais linguísticos, escutam histórias familiares, elaboram angústias, desenvolvem a criatividade através de jogos e brincadeiras, exploram domínios desconhecidos, entre os quais a sexualidade. Segundo estes mesmos autores, a fratria pode estabelecer laços de cumplicidade que permitem criar situações para "enganar os pais". Unidos pela liberdade conferida pelo grupo, os irmãos desafiam a autoridade e o poder atribuído à figura paterna, de que é exemplo o testemunho apresentado na nota introdutória, relativo às reuniões gerais de irmãos (RGIs) de conspiração contra o pai.

De uma forma geral, os irmãos têm um conhecimento consciente e inconsciente do funcionamento psíquico uns dos outros. Cada irmão guarda na sua memória, uma imensidão de acontecimentos familiares. Mesmo que com o crescimento venham a ter percursos diferentes, a experiência partilhada desses acontecimentos familiares, deixa "marcas" no inconsciente de

cada um. O conhecimento da intimidade do irmão continuará a ser património de referência para a sua própria identidade.

Czernikowski (2003) caracteriza a evolução do vínculo fraterno desdobrando-o em três tempos, não rigorosamente cronológicos:

1 – Tempo da rivalidade, do confronto "eu ou o outro", em que os irmãos rivalizam numa tentativa de "destruir" o outro, face ao amor do pai (Caim/Abel)

2 – Tempo de união ou de conjunto, representado no mito do Totem e Tabu (Freud, 1913), em que o conjunto fraterno estabelece uma ilusão grupal pela eliminação das diferenças.

3 – Tempo de desunião ou separação, que dará lugar a outras conjunções e abertura a outros vínculos. As diferenças entre irmãos emergem, mas os laços não se rompem, estabelecendo-se uma aliança fraterna, um vínculo horizontal que permite a evolução para o estabelecimento de outras relações, nomeadamente de conjugalidade.

Também no que se refere à evolução no processo grupanalítico, pode-se constatar que ao concluir a sua grupanálise ou a sua psicoterapia analítica de grupo, o analisando termina uma relação assimétrica com o seu psicoterapeuta, para entrar num mundo supostamente de interpares.

Nesse sentido, o grupo de grupanálise ou de psicoterapia analítica de grupo é o lugar da transição do confronto edipiano para a paridade fraterna.

Assim, o grupo analítico pode ser entendido como um *setting* vocacionado para a consolidação dessa paridade, assente no direito à liberdade e à igualdade, num exercício pleno de democracia.

IV – Notas finais

Em síntese podemos concluir que:

1 – O vínculo fraterno é um processo profundamente enraizado no desenvolvimento da identidade do indivíduo;

2 – A relação fraterna é um processo de fácil visibilidade em contextos de grupanálise e de psicoterapia analítica de grupo;

3 – Nesse sentido, a manifestação da relação fraterna e respetivos vínculos em grupanálise e psicoterapia analítica de grupo é um excelente meio de observação e de manejo terapêutico da identidade dos diferentes elementos do grupo;

4 – A pessoalidade do psicoterapeuta e o seu "amor à verdade" alargada ao contexto da relação fraterna, confere-lhe autenticidade, contribuindo assim para a reconstrução e/ou criação de verdadeiras identidades, verdadeiros "*Selfs*" nos seus analisandos.

Referências Bibliográficas

Ainsworth, M.D.S. et al., (1979) *Patterns of Attachment*- A Psychological Study of the Strange Situation, Psychology Press, New York.

Benghozi, P. e Féres-Carneiro, T. (2001). Laço frátrio e continente frátrio como sustentação do laço genealógico. In: Casamento e família: do social à clínica, pp. 112-118, Nau Editora, Rio de Janeiro: Brasil.

Bowlby, J. (1980). Attachment and Loss. Vol. 3 Loss. London: Hogarth Press.

Czernikowski, E. e Col. (2003). Entre Hermanos: Sentido y Efectos Del Vínculo Fraterno, (Ed.) Lugar Editorial, Buenos Aires: Argentina.

Goldsmid, R.; Féres-Carneiro, T. (2007). A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão. Psicologia em Revista, Vol.13, Belo Horizonte.

Kaës, R. (2011). O Complexo Fraterno. Editora Ideias & Letras, Aparecida-SP, Brasil.

Matos, A.C. (2008). O jogo do amor na psicanálise e na vida. Se…, Não! Revista de Psicanálise, Psicoterapia e Desenvolvimento Humano, Vol.1 julho/dezembro (2010) pp. 115-124.

Salgado, F. (2023). O Complexo Fraterno e Terapia Grupanalítica, Edição de autor, Lisboa.

Waldemar, F. (2021). Conceitos introdutórios sobre grupalidade e Psicanálise Vincular, in: Santeiro, T.; Fernandes, B.; Fernandes, W. (Org.). Clínica de grupos de inspiração psicanalítica: teoria, prática e pesquisa, Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina

Zimerman, D. (2000). Fundamentos Básicos das Grupoterapias, Porto Alegre, Artes Médias Editores.

Zimerman, D. (2010). Os quatro vínculos, Porto Alegre, Artmed.